

## JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

## CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO

Presidente

WILSON FIGUEIREDO

Vice-Presidente

## REDAÇÃO

MARCELO PONTES

Editor

PAULO TOTTI

Editor Executivo

MARCELO BERABA

Editor Executivo

ORIVALDO PERIN

Secretário de Redação

SÉRGIO RÊGO MONTEIRO

Diretor

EDGAR LISBOA

Diretor Agência JB

# Economia Brasil

## Parque dos Dinossauros

Quer se queira, quer não, o economista Paulo Guedes está certo ao defender (em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**), a necessidade de “despolitizar a moeda”. Infelizmente, nenhuma política monetária pode sobreviver num vácuo político. O que presenciamos nos últimos dias — e fica ainda mais evidente com a minirreforma ministerial — é, se não o surgimento de um vácuo, pelo menos de uma brecha ou mesmo de uma série de obstáculos no caminho do Plano Real.

Pode-se discordar do economista ao personalizar os obstáculos. Talvez não seja relevante considerar se o ministro José Serra fez, ou não fez, o dever de casa que lhe cabe como responsável pelo Orçamento. Mais importante é identificar que motivos levaram o governo aos impasses que se traduzem em aumento no déficit público, quebra de bancos estaduais e privados e enormes dificuldades para um acerto de contas com estados e municípios. Para não falar na lentidão das reformas estruturais pendentes no Congresso.

Tal como se encontra hoje, o Real continua ancorado numa âncora cambial, uma taxa de juros real elevada e uma política monetária altamente condicionada pela pressão dos ingressos de recursos externos. Nada foi omitido à sociedade brasileira. Revendo-se os pronunciamentos dos responsáveis pelo Plano — e aí se incluem os ministros Pedro Malan e José Serra —, vai-se verificar que tudo se fez na pressuposição de que a âncora cambial dependia (e continua dependendo) de uma reforma fiscal, uma reforma tributária e uma reforma patrimonial.

Ora, a reforma tributária esbarrou nos interesses dos Estados, que não querem abrir mão de receita do ICMS nem mesmo para estimular as exportações de que dependem seus industriais e agricultores. Não querem, tampouco, abrir mão de poder, nem de benefícios constitucionais na redistribuição de receitas e encargos com a União. Quem fracassou na costura de um acordo com os Estados? Basta lembrar que os maiores e mais ricos são governados pelo

partido do Presidente, o PSDB, para verificar que o vácuo é político. Se esse vácuo representa — como disse o economista Paulo Guedes — o “inverno russo” que irá resultar no desgaste dos responsáveis pelo câmbio e o Caixa do Tesouro, é outra história.

O presidente da República sem dúvida tem hoje pela frente a imensa tarefa de reorganizar suas linhas de contato e comando interno e externo para que não se produza um espetáculo em torno de pessoas. Caem uns, sobem outros. O relevante para o Brasil é aproveitar o que resta — e resta muito — da estabilidade conseguida pelo Real, no seu segundo ano de vida, para impedir a volta da inflação. Esta, sim, é a inimiga comum de todos os brasileiros.

A confiança na estratégia do governo para combater a inflação passa pelo comprometimento de toda a equipe dirigente, pois implica sacrifícios e austeridade. É preciso que todos venham para a linha de frente — e aí se incluem José Serra, Pedro Malan, Sérgio Motta, governadores, prefeitos e políticos de primeira linha do PSDB. Todos devem compreender que a saúde do sistema econômico e financeiro não será um prato feito e gratuito. Ela implica desgaste em ano de eleições municipais, tanto quanto um complexo comprometimento do Ministério do Planejamento e da Fazenda em torno de metas comuns.

Implica também revisão das relações com o Congresso para que reformas vitais para a formação de poupança a longo prazo, como a da Previdência, e outras que abrem espaço ao capital privado — como em energia, óleo e gás — não se transformem em pálidas sombras do que foi inscrito no programa de governo consagrado nas urnas. O que a história nos dirá é quem se dispôs a pagar esse preço, e quem esperou pelo inverno ou pelo verão do oportunismo político em ano de eleição municipal, com o objetivo de vencer, não importa se ao preço de manter vivas as esperanças corporativas e inflacionárias dos imensos parques dos dinossauros brasileiros.